

O contributo das Associações Empresariais



João Rodrigues
director executivo da
Associação Portuguesa
dos Industriais de
Engenharia Energética
(APIEE)

É minha opinião que as associações empresariais têm um fundamental contributo neste desafio, visto que através da geração de massa crítica, típico do movimento associativo, promove a criação de uma inteligência colectiva, que conduz a uma aprendizagem que a todos beneficia

Sinto haver um grande consenso na sociedade portuguesa em encarar 2024 como um ano de grandes desafios. A continuidade de vários conflitos regionais, as várias eleições que se irão realizar em Portugal e um pouco por todo o mundo, os fenómenos inflacionistas ainda não estabilizados associados às dificuldades logísticas internacionais, são alguns dos fenómenos que preocupam os dirigentes políticos e empresariais.

Para além destes fenómenos, que gostaríamos fossem de carácter transitório e que se resolvessem de forma satisfatória para todos os envolvidos, enfrentamos à escala global o desafio das alterações climáticas e de alterações tecnológicas profundas, da qual a massificação das tecnologias de inteligência artificial são um exemplo entre vários outros.

Seja por uma questão de consciência cada vez maior da opinião pública para a necessidade de alteração de hábitos antigos, ou pela introdução de procedimentos legais que obriguem a essas alterações, dos quais destaco a Directiva CSRD (Directiva de Reporte Corporativo de Sustentabilidade)

que obriga as grandes empresas a reportarem informação não financeira a partir já de 2024 e as PME's cotadas a reportarem-na a partir de 2026, dúvidas não me restam da necessidade de todas as empresas se adaptarem a estas novas realidades.

É minha opinião que as associações empresariais têm um fundamental contributo neste desafio, visto que através da geração de massa crítica, típico do

movimento associativo, promove a criação de uma inteligência colectiva, que conduz a uma aprendizagem que a todos beneficia.

Acredito também que a defesa dos legítimos interesses de cada fileira, feito através das associações empresariais, só pode ser alcançado através de um diálogo permanente e colaborante de toda a cadeia de valor, diálogo esse feito com base no entendimento e respeito dos interesses de todas as partes interessadas e que procura encontrar soluções vantajosas para todos, no curto e no longo prazo.

É por isso que escrevo este artigo de incentivo ao associativismo empresarial, prática que considero da mais elevada importância e que infelizmente em Portugal não acontece de forma natural.

Penso ser razoavelmente consensual que somos um país de pessoas afectuosas e simpáticas, mas que temos também propensão à desconfiança, à inveja e à típica atitude de "cada um por si". Em simultâneo, somos um país de PME's, naturalmente com estruturas limitadas e cujos gestores enfrentam diariamente grandes quantidades de desafios, obrigando-os a desdobrarem-se em múltiplas tarefas. Perante esta realidade, que penso ser facilmente aceite por todos, é razoável perguntar como é possível a um gestor de uma PME portuguesa conseguir dedicar parte do seu tempo à vida associativa?

Com base na minha experiência pessoal, bem como no de outros excelentes exemplos que tenho o prazer de conhecer, tenho uma fortíssima convicção de que tal objectivo é possível, e que tem benefícios para quem os pratica. Não por uma razão de benefício pessoal, mas sim porque a defesa dos interesses colectivos, realizado através das associações empresariais, beneficia a todos e, portanto, também as empresas aos quais esses gestores estão ligados. É por isso que considero que a prática da actividade associativa empresarial não deve ser encarada como um exercício de altruísmo, mas sim como uma convicta prática empresarial. **C**

O Autor escreve segundo o Novo Acordo Ortográfico